

**RESENHA: As marcas do humano**

**Pino, A. (2005).** *As marcas do humano: Às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vygotski.* São Paulo: Cortez.

Alice Casanova dos Reis

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil

A busca pelas origens é talvez um dos anseios fundamentais do homem. O ser que coloca em questão seu próprio ser vive historicamente desdobramentos dessa busca por meio de interrogações ontológicas desenvolvidas de diferentes modos a partir da mitologia, religião, filosofia, ciência e arte. A partir desse *leitmotiv* e partindo da perspectiva do materialismo histórico e dialético, em “*As marcas do humano*”, o autor Angel Pino (2005) perscruta as origens do “humano”, a partir das “marcas” que histórica e culturalmente o constituem enquanto tal.

Desde esse olhar epistemológico e, apoiando-se fundamentalmente na teoria de Vygotski, Pino problematiza a complexa relação entre natureza e cultura, costurando com a linha de pensamento dialético uma trama na qual a emergência do humano aparece no movimento em que “a natureza adquire *consciência* dela mesma” (Pino, 2005, p. 17), construindo como forma específica de existência a simbólica. Partindo da premissa vygotkiana da origem cultural do psiquismo humano, o autor tem como objetivo: “desvelar na realidade empírica da evolução da criança logo após o nascimento a maneira concreta como a *natureza*, constitutiva da sua condição biológica, transforma-se sob a ação da *cultura*, fazendo da criança um *ser humano*” (Pino, p. 18).

Pino apóia-se na “lei genética do desenvolvimento cultural”, elaborada por Vygotski para explicar como, no processo de desenvolvimento, as funções biológicas com as quais o homem nasce são convertidas em funções culturais, a partir da transposição da mediação sócio-cultural do plano social, interpsicológico, para o plano intrapsicológico da criança. Considerando a existência desses dois momentos, Pino traz a hipótese de que no interstício entre o nascimento biológico e o cultural transcorre um “*momento zero cultural*” (Pino, 2005, p. 33), em cuja passagem encontramos, a partir da ação do Outro, a emergência do humano na criança: “na medida em que as ações da criança vão recebendo a *significação* que lhe dá o Outro... ela vai incorporando a cultura que a constitui como um ser cultural, ou seja, um ser humano” (Pino, p. 66).

Pino, a partir de uma concepção marxista de cultura como produção material humana, enfatiza que “a materialidade é uma exigência da natureza do *signo*” (2005, p. 91). A significação é, portanto, a chave cuja posse permite a abertura ao humano e a conquista universalmente necessária dessa chave remete à materialidade histórica

das relações sociais em que os processos de significação acontecem. A mediação semiótica opera, segundo o autor, como o conversor das funções naturais em sociais, as quais se desenvolvem sobre bases biológicas, transformando-as em culturais.

Pino nos ajuda a compreender o signo como a unidade em que natureza e cultura se encontram num nó dialético de onde emerge o humano. Interessa ao autor desvelar esse nó em sua historicidade, ou seja, coerente com a perspectiva histórico-cultural que o orienta, investigar o momento dessa emergência, detectando, nos primeiros meses de vida da criança, *indícios* que permitam inferir o início do seu processo de desenvolvimento cultural. A diretriz metodológica aponta, portanto, para uma abordagem histórico-genética, dialética e interpretativa.

A partir da observação de uma criança (um menino), utilizando como procedimento o registro em vídeo de diferentes momentos de sua vida, desde seu nascimento até completar um ano de idade, o autor mostra ser possível encontrar indícios do processo de desenvolvimento cultural num momento anterior ao proposto por Vygotski ao analisar o movimento de apontar da criança. Para tanto, enfoca determinados “indicadores de desenvolvimento” (choro, movimento, olhar, sorriso e a combinação de vários deles), buscando neles detectar os primeiros sinais da presença de elementos de significação, inicialmente atribuídos pelo Outro e que, ao serem internalizados pela criança, passam aos poucos a regular essas funções, convertendo-as, da ordem do biológico para a ordem do simbólico.

Pino conclui que imediatamente após o nascimento da criança já se encontram indícios claros da ação da cultura sobre o desenvolvimento da criança, a qual, pela mediação social do outro, opera “conferindo aos *gradientes* de evolução biológica as ‘marcas do humano’” (Pino, 2005, p. 268). Nesse sentido, as funções orgânicas, ao mesmo tempo em que são a condição necessária para o surgimento das funções culturais, não são suficientes ao seu aparecimento, o qual está relacionado à apropriação da significação pela criança, como mostram os seguintes exemplos extraídos de uma série mais abrangente analisada no livro:

...assim, o “choro”, que, inicialmente, não passava de um sinal de alerta de um mal-estar orgânico, diversifica suas causas e modifica suas formas, tor-

*nando-se um meio de expressão da criança; o olhar, que no início estava perdido no espaço, pouco a pouco vai selecionando seus alvos e olhando-os de forma diferente... porque esses têm para a criança alguma significação; os sons vão surgindo imitando os "sons da fala", não dos inúmeros ruídos que invadem o ouvido da criança; a energia muscular torna-se, pouco a pouco, controlada para produzir movimentos apropriados para lidar com os objetos culturais que envolvem a criança e para encontrar formas cada vez mais adequadas de expressão dos seus estados internos; o tempo biológico vai adaptando-se ao relógio cultural do tempo humano e da sua reparação das ações...* (Pino, 2005, p. 267).

A contribuição principal trazida por Pino através de seu estudo diz respeito à verificação empírica da teoria de Vygotski acerca do desenvolvimento cultural do ser humano. Entender o modo como as funções biológicas e culturais, sem perder sua especificidade, articulam-se no desenvolvimento, consiste no "núcleo duro da teoria" (Pino, 2005, p. 195), no qual o autor consegue nos introduzir com grande clareza teórica. A interrogação fundamental pelas origens do humano encontra nesse estudo, coerente com a perspectiva epistemológica em que é formulada, uma resposta dialética:

*Se a natureza precede a cultura, a cultura supõe a natureza, porque ela é, em última instância, a própria natureza transformada em cultura, mas uma cultura que, sem deixar de ser natureza, torna-se algo novo. Eu a chamaria uma natureza humanizada* (Pino, 2005, p. 268).

Nessa humanização, conforme nos mostra Pino, o papel do outro, como aquele por meio de quem a cultura age sobre a natureza da criança, é fundamental. Nas reflexões tecidas pelo autor, o NÓ tramado pela dialética entre natureza e cultura para explicar a origem do humano não se desfaz, no sentido de que não postula a anterioridade determinística de uma em relação à outra, mas antes o NÓ dialeticamente se (re)faz em NÓS, pois é o nós, ou seja, o vínculo social do nascido ser biológico com o mundo cultural em que nasce que faz dele um nascente ser humano.

## Referências

Pino, A. (2005). *As marcas do humano: Às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski*. São Paulo, SP: Cortez.

*Alice Casanova dos Reis* é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, atuando no Núcleo de Pesquisa Relações Estéticas e Processos de Criação.

[alicecasanova@yahoo.com.br](mailto:alicecasanova@yahoo.com.br)

## RESENHA: As marcas do humano

Alice Casanova dos Reis

Recebido: 17/07/2006

1ª revisão: 02/11/2006

Aceite final: 09/11/2006